

Imaginário, saberes e religiosidade amazônica na poesia de Bruno de Menezes

Guilherme Luís Mendes Martins¹



10.56238/rcsv14n5-005

RESUMO

Este trabalho busca-se analisar a literatura na perspectiva negra. Neste sentido um autor que pode ser trabalhado em sala de aula é Bruno de Menezes. Poeta modernista que consegue dar ao negro uma posição até então subestimada por outros autores. A partir da leitura de Bruno de Menezes os alunos podem ser convidados a fazer sua própria poesia. Deste modo, não somente com o poeta Bruno de Menezes, mas qualquer assunto relacionado a África pode ser uma forma de incentivar e estimular a poesia. Mas aqui destaca-se a literatura brasileira, pois ocorrem dois momentos. No primeiro, é observada a condição escravista dos negros, de modo que suas ações expressam somente a opressão vivida pelos mesmos. O domínio das letras pertencia à elite intelectual, senhores de escravos que enviavam seus filhos a Europa e quando retornavam, continuavam o processo de escravidão. A partir da influência iluminista houve certo avanço no que diz respeito à concepção de política escravista. No entanto, isto não foi suficiente para mudar o regime, uma vez que havia o interesse capitalista. O negro de escravo passa a ser operário da classe burguesa. Neste momento, poetas como Castro Alves, ainda apresentam um negro sem reação diante da opressão vivida por sua classe. Num segundo momento, especialmente no século XX, poetas da Escola Modernista apontam para as contribuições do negro, quer sejam no âmbito cultural, econômico, religioso, político e social. Um grande expoente foi o poeta Bruno de Menezes, o qual enfatiza não só a estética negra como algo belo, mas, sobretudo as contribuições dos agentes negros que a historiografia e a literatura ofuscaram. Saindo da perspectiva positivista que exaltava somente grandes heróis como a Princesa Isabel, pois mesmo ela segundo consta foi influenciada pelos milagres de Nossa Senhora Aparecida quando os elos da corrente de um negro foram quebrados por um milagre da santa. Assim, as mães pretas, os capoeiristas dentre outros, são cidadãos que aparecem como sujeitos do processo de emancipação negra. Neste sentido, acredita-se que os negros tomam consciência de classe e inauguram um novo momento dentro da literatura recebendo influências da concepção marxista para expressar um novo contexto que é de suma importância para romper com teorias literárias burguesas as quais reduzem a literatura numa concepção estrutural passando para uma escrita engajada. Isto não significa dizer que antes os negros não escreviam, entretanto suas produções não eram consideradas interessantes para os que desejavam permanecer com seu status quo. Negavam assim a contribuição daqueles que foram instrumentos de desenvolvimento do Brasil. Este estudo dará ênfase para o segundo momento da literatura brasileira baseando-se nos poemas de Bruno de Menezes bem como nos trabalhos publicados pelos autores Costa(2009); Luciano e Neto (2009).

Palavras-chave: Literatura, Religião, Saberes.

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo o ensino primou apenas pela visão positivista. O ensino era voltado a narrativas de grandes batalhas realizadas pelos grandes heróis. A transmissão dos fatos era feita apenas exaltando uma classe favorecida. Neste sentido, os professores de diversas disciplinas repassavam os conteúdos de modo bancário, a preocupação com datas, fatos, e grandes nomes

¹ E-mail: guigomendes@yahoo.com.br

deveriam ser decoradas e reproduzidas numa prova bimestral. O questionário como preparação a este modelo de avaliação era o único exercício que fixava os conteúdos. Não se deseja excluir esta história uma vez que também existe a contribuição de grandes personalidades, pensadores que contribuíram com a historiografia. O que não se pode fazer é frisar apenas este estilo de escrita historiográfica excluindo outras classes, outros personagens que também contribuíram com a escrita da história.

Não se deseja com esta constatação dizer que este método tradicional é um método que não funciona e que nunca deveria ter sido usado. Que ninguém aprende por meio do “learn by heart”, expressão em língua inglesa que quer dizer aprender de modo decorado. Pois os alunos que irão passar por exames vestibulares e concursos sentem a necessidade de ter conceitos sintetizados para discutir seus desdobramentos. O grande problema é exaltação de uma única classe em detrimento de outras. Não que a classe política não tenha sua devida importância. Mas negar a contribuição de índios e negros no Brasil é algo que não pode se repetir em nossas aulas.

Neste momento há que se oportunizar a discussão para nós educadores. Como faço minha auto avaliação? Como posso utilizar outros métodos de ensino de história que não excluam a história local, aquela que faz sentido aos meus alunos? Como pensar em inclusão digital? O que é memória? O que é trabalho cooperativo? O que é professor reflexivo? Como utilizar documentos? Como ensinar através de recursos culturais lúdicos?

Todas essas discussões são contribuições mais recentes para o ensino de História. Este trabalho elegerá a memória e a literatura como grandes aliadas no ensino aprendizagem no que diz respeito a discussão da diversidade étnica e cultural em nosso país.

Neste sentido há que se promover aulas que consigam envolver os alunos positivamente. Fazer com estes possam analisar os conteúdos de história a partir do seu contexto. Este trabalho visa promover esta discussão. Neste sentido estabelecer um conhecimento de cultura africana reafirma nossa cultura afro-brasileira e consegue dar todo um sentido as aulas de história pois é desta forma que os alunos conseguem se dedicar ao estudo desta disciplina. Como ressalta Wedderburn (2005, p. 32):

O avanço constante do conhecimento científico sobre a África, em especial nos campos da paleontologia e da antropologia, não cessam de confirmar esse continente no palco privilegiado de lugar de origem da consciência humana e das experimentações que conduziram à vida em sociedade.

Deste modo a cultura africana suscita nas aulas de história muitos valores até então marginalizados de nossos cânones didáticos elegidos em nossas escolas. Pensar em diversidade é assumir uma postura de diálogo com diversas culturas problematizando suas contribuições para a formação de nosso povo. Especialmente no que tange suas lutas e conquistas de direitos.

A lei 10.639/03 vem estabelecer a necessidade de implantarmos um ensino de História que

valorize o pensamento negro. Na escola encontramos situações de pensar o negro muitas vezes apenas como vítima de uma escravidão. Ressalta-se apenas uma postura passivo diante da escravidão. Lutas, ideais libertários sempre estiveram presentes na cosmovisão negra. Um outro dado conforme ressaltou Brandão na obra Educação e Cultura usa-se a figura do negro apenas como uma questão mercadológica uma vez que passa a ser considerado exótico sua história, pois somente no dia vinte de novembro a escola vai realizar um apresentação sobre a temática. Isto dificulta o trabalho de reflexão junto aos educandos pois não se faz um trabalho processual, mas através de momentos cívicos, ele é lembrado, muitas vezes da forma mais esdrúxula, apenas como um objeto de escravidão do passado.

No filme escritores da liberdade ocorre em um cena, algo parecido, em uma determinada sala de conceito A, a menina negra sempre é lembrada como alguém que tem o privilégio de estar naquela sala, como se não fosse possível através de sua própria capacidade, mas apenas por uma questão de bondade da instituição escolar. Aqui convém ressaltar a importância de medidas emergenciais como as cotas raciais na universidade, entretanto deve-se trabalhar para que num futuro próximo não se tenha necessidade de cotas, mas através de uma valorização da educação, os estudantes possam cada vez mais serem incluídos nas escolas e universidades

Já a partir da lei 11.645/08, algumas instituições da sociedade brasileira tem se organizado no intuito de por em prática as exigências que tal documento propõe. Este prevê a inclusão da temática indígena na escola pública e particular especialmente nas disciplinas de História, Literatura e Arte. A lei em questão é um complemento à lei 10. 639/03 a qual normatizou a inclusão da temática afro-brasileira.

Estas leis são fruto da luta negra e indígena no Brasil, pois estes cidadãos brasileiros não são agentes passivos, mas sujeitos que sempre estão na pauta de lutas pelas conquistas de direitos por parte de suas lideranças e comunidades indígenas e quilombolas.

Há que se vivenciar uma nova postura, promover a escrita do índio e não sobre o índio, na qual o próprio índio expressa suas lutas, sua estética, suas necessidades políticas. Deste modo a escola possui um papel fundamental neste processo uma vez que o índio possui saberes. Esta cultura não pode ser apenas apresentada de modo capitalista, para arrecadar fundos em campanhas financeiras escolares. Mas ser palco de discussão dentro do planejamento escolar, de fóruns de educação, trazendo representantes indígenas, pois ninguém melhor de que eles para refletir sobre sua trajetória.

Assim como o negro, o índio brasileiro também foi alvo de preconceitos e estereótipos no decorrer da escrita literária. Assim resalta Graúna quando escreve:

Os estereótipos e os preconceitos no campo da cultura e da história indígena são apenas uma ponta do iceberg, mas não levaremos mais 500 anos dependendo do aval das academias que só reconhecem a expressão literária indígena se esta for “baseada unicamente [e obrigatoriamente] na existência do livro [branco] tal como o conhecemos na atualidade”

Quando vemos a escrita de livros didáticos, por exemplo, observam-se traços que forçam os personagens indígenas a assumirem uma estética e comportamento da Europa. Entretanto numa conquista mais recente os próprios indígenas resolvem assumir os escritos sobre si mesmos, isto só foi possível devido lutas que levaram a uma atenção do governo e sociedade letrada dando abertura para autores indígenas.

Pode-se perceber que por uma tradição histórica acadêmica ainda há um ranço da produção de um texto sem problematização. Nas escolas o discurso é ainda do colonizador deixando à margem a história afro-indígena. Em oposição a isso as leis 10.639/03 e a 11.645/08 são uma conquista por parte do movimento negro e indígena para que o conhecimento a cerca dos grupos que foram expropriados seja posto aos alunos de modo contextualizado, fazendo uma transposição didática que permita o diálogo dos alunos com a realidade vivenciada.

Escritores como Geraldo Maia, Eliane Potiguara os quais são intelectuais importantes que desbravam um novo momento no continente latino-americano, são responsáveis por congressos que discutem a identidade, multiculturalismo, uma literatura de combate, de preservação da Mãe Terra como ressalta Eliane Potiguara (2002) citada por Graúna expressando que a literatura branca se apresentou de modo paternalista que desdobra assim erros sucessivos sobre a concepção afro-indígena.

Nós como educadores somos responsáveis por desvelar o papel do índio como um agente sujeito da história brasileira, socializar nossos estudos com colegas, promover encontros que facilitem esta discussão sobre o índio no ensino-aprendizagem de literatura, história, línguas, dentre outras disciplinas, pois é um tema que merece planejamento, estudo e ação para que realmente as leis possam ser cumpridas satisfatoriamente.

Sabe-se que os grupos indígenas ainda são pouco valorizados. Por outro lado, há um grupo de pesquisadores de origem indígena preocupado em mudar esta realidade, pois já se constata através de políticas públicas de cotas, a inserção de indígenas nas universidades e ainda a tentativa de organização de um partido político que tenha como objetivo o aumento de garantias de políticas públicas indígenas.

Segundo Cunha (1992, p. 20), “uma história propriamente indígena ainda está por ser feita.(...) Ter uma identidade é ter uma memória própria”. Com este fragmento constata-se que há muito trabalho a ser realizado. O índio cada vez mais deve ser motivado a ser agente de sua própria história. Trazer os próprios indígenas para relatar suas experiências é fundamental para registrar a memória, especialmente ouvir os indígenas mais idosos aqueles que possuem os saberes consolidados. A língua, as expressões religiosas, os saberes da cura, a tradição, não apenas para expressar um folclore, mas para entender que todos eles possuem conhecimento que os fazem pertencer a uma comunidade que tem muito a ensinar também para os participantes de um processo de escolarização. Criam-se vínculos,

quebram-se estereótipos. Entende-se que conhecimento pode ser qualquer saber materializado quer sejam por estudantes, indígenas, garís ou professores.

Neste sentido, cabe uma reflexão que auxilia a compreender que as sociedades indígenas são comunidades que possuem sua complexidade. Não podem ser taxadas de sociedades sem organização. Como já foi ressaltado, os índios participaram ativamente na formação do Brasil. Um estudo mais profundo irá explicar que estes grupos foram decisivos para a demarcação de fronteiras, uma vez que no período de colonização outros países como França, Holanda, Espanha também fizeram suas incursões pelo território. Assim os portugueses contaram com o auxílio dos índios de modo que estes foram transformados em súditos e automaticamente passaram a ser da coroa levando a uma demarcação para que os outros pudessem ter um respeito pela demarcação territorial. Negociações, acordos, documentos papais, fizeram parte deste processo, tendo os índios como grupos fundamentais neste processo. Assim como escreve Fleck(2012, p. 13).

O estabelecimento de um laço de confiança entre as duas culturas favoreceu a aproximação entre os europeus e os indígenas. Deve-se, contudo, levar em consideração o nível de tensão e de inimizade existentes entre portugueses e indígenas decorrente da escravização do índio e da posse da terra, para melhor compreendermos os fatores que levaram os franceses a estabelecerem contatos mais cordiais com o gentio da terra.

Neste excerto, constata-se tensões e laços por parte de europeus. O índio passa a ser sujeito, pois sua relação com os europeus passa da escravidão à relação cordial para que o território possa ser explorado. A história apresenta que num primeiro momento um território que não foi valorizado. Somente depois os portugueses decidiram se estabelecer na terra, pois a terra estava ameaçada de invasão por parte de outros países. Os indígenas possuíam sua cosmologia própria decorrente de suas próprias experiências. Os portugueses possuíam outra forma religiosa. Deste modo no encontro das duas culturas tensões e diálogos foram acontecendo. Neste sentido, a Inquisição em terras brasileiras aconteceu de modo que os índios que tinham se tornados cristãos eram passivos de julgamento inquisitório. Assim como destaca Júnior(2005, p.322):

A índia Suzana, também do serviço de Domingos Gomes, foi acusada por várias pessoas de produzir feitiços. O capitão Amaro Pinto disse que, tendo em sua casa uma escrava muito doente que deitava pelos narizes a modo de uma tripa, esta acusara a índia Suzana, escrava de Domingos Gomes, de ter-lhe posto feitiço. A índia Suzana se defendeu dizendo que os tais feitiços que havia dado a escrava do capitão eram para que seus amantes lhe quisessem bem,(...)

Compreende-se, portanto que os índios também podiam ser considerados hereges do tribunal do santo ofício. Este processo se dava a partir de uma investigação inicial denominada devassa. A população da colônia tinha um tempo determinado para confessar os pecados e serem absolvidos de

qualquer transgressão. Entretanto se não fossem até o confessor e fossem entregues por vizinhos ou outros denunciadores poderiam sofrer as penas previstas pelo tribunal.

Nesse caso, dentre as acusações de sodomia, adultério, dentre outros, a questão da heresia era também considerada um ato de rebeldia contra a religião oficial, pois era enquadrado no crime de feitiçaria, algo contrário a fé cristã. Entretanto o índio ao contrário do que disse Caminha em sua carta documento do Brasil, possuía uma fé, uma lei e um rei. Assim como defende Sarraf (2012, p. 206).

Se no imaginário cristão-ocidental a cobra representa o pecado e a condenação do homem, no universo indígena este animal é sinônimo de fertilidade e de vida. Não por acaso, inscrições de objetos de cerâmica trazem frequentemente ventres maternos que resguardam cobras.

Este caso é só um exemplo específico de simbologia. Se olharmos para a Nova Era e também para religiosidades africanas, iremos encontrar situações parecidas em que um símbolo pode percorrer vários significados dependendo de uso por determinada comunidade religiosa.

Se olharmos para a história do índio, a luta, a negociação, tensões sempre estiveram presentes na sua história. Projetos de hidrelétrica, conquistas de terras, manifestações por melhorias de saúde, educação, saneamento são pautas de ontem e de hoje. A partir de leis, projetos políticos, discussões acadêmicas, inclusão de temática indígena na escola estas conquistas são fruto de toda uma história de mobilização indígena.

Não se pode pensar apenas na sua contribuição cultural para o país, a qual é de suma importância. Pois nossa língua, culinária e arte estão imbricadas com o fazer do índio. Entretanto, não se pode pensar a contribuição destes grupos somente neste aspecto. Pois quando o índio luta por um espaço melhor de moradia, outras lutas vêm a reboque. Pensar as manifestações de 2013, é um grande exemplo disso. Não se pode permitir um país de grandes eventos, sem cooperar com o IDH (Índice do Desenvolvimento Humano) do mesmo. Deste modo a luta indígena também se fez presente nas manifestações, quando visualizamos cartazes com inscrições sobre Belo Monte, no qual a luta indígena está ocorrendo, pois a tentativa de construção da hidrelétrica ameaça a terra dos índios, maior patrimônio que eles possuem.

Dentre esses direitos a educação indígena passa a ser o “calcanhar de Aquiles”, pois é a partir de uma educação indígena voltada para os índios e realizada por eles mesmos é que outros direitos virão conseqüentemente. Um exemplo que pode ser vislumbrando nesta perspectiva é a trajetória da educação indígena em Roraima, assim como destacou Silva (2000, p. 33):

Apontou-se também a necessidade de uma maior articulação e cooperação entre a Divisão de Educação Indígena, responsável pelas políticas indigenistas do Estado, e a Opir, que representa o movimento indígena e suas políticas no caso, as políticas indígenas de educação escolar.

A trajetória da educação indígena em Roraima torna-se assim modelo de educação, pois consegue progredir numa perspectiva de implementação de uma educação aliada ao movimento indígena principal articulador dos direitos indígenas. A sociedade brasileira cada vez mais deve ser representada a partir de políticas públicas que realmente cheguem até aqueles que necessitam de direitos. No caso das comunidades indígenas, deve ser um projeto em conjunto. Movimento Indígena, partidos em formação, educadores e demais profissionais que se aliam a esta luta de melhorias em prol de sujeitos que historicamente não estiveram presentes nas pautas de discussões políticas. Foram calados pela produção acadêmica e negados os direitos por aquelas oligarquias que se perpetuam no poder.

Este processo deve ser pautado numa perspectiva de entender os índios não como vítimas, mas como sujeitos capazes de se desenvolver com cidadãos partícipes da pauta políticas. Espera-se com este trabalho contribuir com as reflexões que oportunizam a inserção do índio no contexto social brasileiro.

2 POESIA DE BRUNO DE MENEZES: SABRES E RELIGIOSIDADE

Mediante a leis 10.639/03, os professores de Literatura, História e Arte e demais disciplinas neste caso o Ensino Religioso são convidados a trabalhar com os saberes afro-brasileiros. Neste sentido este artigo pretende promover esta reflexão. Temos muitas vezes livros didáticos, currículos, metodologias que negam a presença do negro de modo mais significativo. Observa-se assim uma necessidade de implementar como se dá a cultura negra de modo mais a significativo no que tange a atuação do negro como alguém capaz de ser agente de sua própria história e não apenas como detentor de um folclore, tampouco de uma passividade mediante suas lutas em prol de sua emancipação.

A partir deste pressuposto apresentam-se a seguir algumas reflexões a cerca da poesia de Bruno de Menezes² que relata a oralidade, religiosidade e saberes vividos no cotidiano negro.

3 PAI JOÃO

Bruno de Menezes tem sido tema de leituras de processo seletivos das universidades no Pará. A academia observa a sua contribuição do poeta para a discussão do negro como agente de um movimento histórico que foi responsável por leis que mudaram a trajetória deste país. Seus poemas possuem um caráter de um negro que tem sonhos, que denuncia as injustiças sofridas pelo seu povo. No poema Pai João, Bruno enfatiza esta concepção de relação com uma temporalidade atualizada, passado e presente estão suspensos de certo modo, pois aqui a ação acontece ontem /hoje

² Nasceu em Belém 21 de março de 1893, trabalhou com encadernador, este trabalho o ajudou posteriormente em seu ofício de escritor. Promoveu a renovação da literatura paraense.

simultaneamente dando possibilidades de um negro que não ficou no passado de modo estanque, mas que permanece na história a partir de suas lutas, expressões religiosas, de um não conformismo com a ordem estabelecida. A cronologia é em última rês conceito vislumbrado na teoria narrativa de Walter Benjamin na qual a história se inicia do presente tal como é lido no trecho a seguir:

Pai João sonolento e bambo na pachorra da idade
Cisma do tempo de ontem
De olhos vendo o passado recorda o veterano
a vida brasileira que êle viu e gostou e viveu. (MENEZES, 1993, p.222).

No excerto acima, não há um negro conformado, mas feliz por ter feito sua parte, interviu na história e agora colhe os frutos de sua luta. Em outro trecho poema a contribuição cultural e econômica é enfatizada quando diz: *...Pai João teve fama de capoeirista e navalhista...* (MENEZES, 1993, p.222). Sabe-se que a prática da capoeira foi perseguida pelo Estado, entretanto era a forma de defesa do negro de se fazer uma memória da africanidade herdada pelos ancestrais, e ainda uma expressão de luta por seus direitos. Hoje com a lei 10.639/03 temos escolas que a incluem no currículo a capoeira uma vez que a mesma contribui com o ensino-aprendizado das crianças e adolescentes pois sua prática está imbuída de corporeidade, etnia, história e valorização do negro como sujeito que possui cultura e tecnologia para compreender as vantagens desta como arte marcial, dança, esporte e reminiscência cultural negra.

Na história quando se fala em Guerra do Paraguai os grandes vultos são mencionados com toda veemência deixando os negros numa participação ínfima. Entretanto a participação negra foi fundamental para a vitória brasileira. Como em várias epopeias a ação dos comandantes é valorizada excluindo a ação das tropas. Entretanto Bruno de Menezes reelabora a narração quando no seu poema em prosa escreve que os negros não foram expropriados de suas casas a partir de uma ideologia que negava o conhecimento de monarquia.

É necessário, portanto enfatizar que dependendo de como o autor escolhe suas temáticas o negro pode ser objeto ou sujeito como defende o autor Hélio José Luciano. No caso do poeta Bruno de Menezes a segunda opção é visualizada de modo que não nega a opressão, mas coloca os negros brasileiros com agentes de transformação de sua realidade.

4 MÃE PRETA

O poema apresenta o papel da mulher no contexto da escravidão. As mães pretas aparecem agora com protagonistas. Bruno exalta a mulher negra como alguém que com seu trabalho, sua educação e amamentação foi primordial para uma nova concepção da história como é ressaltada no fragmento abaixo:

Tú, que nas gerais desferrastes o servilismo
 Tatuando-te com pedras preciosas
 Que deste festas de esmagar !
 Tu, que criaste os filhos dos senhores,
 Embalastes os que eram da marquesa de santos,
 Os bastardos do primeiro imperador
 Até futuros inconfidentes. (MENEZES, 1993, p.227)

Aqui se atribui a mãe preta um papel adjuvante em detrimento do papel de coadjuvante ou até ausente da poesia branca. Nela o autor se preocupa em relatar a sua força da matriarca de uma história, assim com na África pois em algumas comunidades a mulher é responsável pelo repasse de saberes dentro desta sociedade. Como ressalta (Costa 1999), a literatura precisa ter um tom de valorização da consciência e afirmação cultural negra. Isto é que Bruno de Menezes tem nos mostrado nas suas obras.

5 GENTE DE ESTIVA

O navio está aí ancorado no cais
 Comeu do mar grosso
 Jogou no oceano
 a carga que trouxe botou nos galpões.

O inglês nem se apressa
 Porque o que entra nos seus armazéns,
 Só sai feito preso pagando carceragem

(...)
 E a gente de estiva
 Ao voltar a casa
 Faminta esfaldada
 Nem come daquilo
 Que lhe andou nas mãos
 Calejadas e humildes (MENEZES)

Ao observarmos as primeiras escritas produzidas no Brasil, o cronista europeu é aquele que cumpre a tarefa de “civilizar”. Esta teoria de cultura superior estava na mente dos colonizadores do século XVI. Portanto negro e o índio serão aqueles que devem pagar pelo seu estado primitivo de civilização, pois a concepção eurocêntrica dizia que povo índio e negro eram populações sem lei, sem rei, sem fé. Portanto se compreende um etnocentrismo, enfatizando o heroísmo europeu.

No poema Estiva observa-se a temática do trabalho negro exposto por Bruno de Menezes. Neste contexto o poeta modernista denuncia as mazelas do negro sem desconsiderar sua importância para o Brasil, pois a industrialização brasileira surge com o estabelecimento e empresas estrangeiras. No entanto, Bruno de Menezes vai além do contexto internacional e observa a grande contribuição do negro como agente de trabalho cotidiano na construção da nação. A presença do negro nos portos como estivador é de suma importância para a articulação da produção em terras brasileiras.

Assim como Saramago em Portugal, diferenciando da poesia de Camões(o qual exaltava os feitos heroicos colonizadores) como bem frisou Neto (2009) o poeta Bruno de Menezes utiliza os seus poemas para fazer esta reminiscência valorativa dos sujeitos negros fazendo o contraponto com os estrangeiros que chegaram no país e desde o período colonial. Estes enxergaram nas terras brasileiras oportunidade de apropriação das terras em benefício próprio sobrepondo-se aqueles que foram verdadeiramente os responsáveis pelo crescimento do Brasil

A literatura brasileira desenvolvida nos poemas de Bruno de Menezes elege o negro como um cidadão atuante no Brasil, pois o poeta denuncia os problemas que esta classe enfrenta até os dias atuais, bem com valoriza a competência dos mesmos como pessoas que intervíram na história tornando os principais agentes de conquistas legais. A partir de uma discussão em nível mundial sobre a importância da África atualmente em detrimento de autores como Hegel escreviam de modo preconceituoso bem como outros que viam como um local atrasado. Bruno estabelece a trama literária partindo de pressupostos de identidade ressignificando toda uma história da literatura que negava a presença ativa dos negros como baluartes de tecnologia, cultura trazendo-os para o palco principal da vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje vários setores da sociedade brasileira se reconfiguram no sentido de estabelecer uma nova política de agregação no negro. Universidades, igrejas, partidos, movimentos sociais bem como a expressão dos literatos sentem a necessidade de dar a devida voz aos afrodescendentes dada a sua história ser grande valia para o contexto histórico político do país. Também em outros países como Martin Luther King, Mandela são expoentes da luta em favor dos negros uma vez que a África também é um continente que pode nos ensinar muito sobre sociedade. Na região Tocantina tantos quilombos que hoje entram na academia por conta de professores e alunos baluartes que identificam a luta daqueles que são imprescindíveis para a Amazônia Tocantina. Finalizo deixando escrito um trecho de uma canção que cantávamos e dançávamos na Igreja nos anos 80 e que hoje rememoro as Cebs e as Irmãs Filhas da Caridade que nos ensinavam muito através desta canção. Como disse o Pai João ah meu tempo!

Eu vou tocar minha viola
Eu sou o negro tocador
O negro canta deita e rola
Lá na senzala do Senhor
Dança aí nego nagô
Dança aí nego nagô
Dança aí nego nagô
O negro mora em palafita
Não é culpa dele não senhor
A culpa é da abolição que veio e não os libertou

Dança aí nego nagô
Dança aí nego nagô
Dança aí nego nagô
Tem que acabar com essa história
Que negro é inferior
O negro é gente
E quer escola
Quer dançar samba e ser doutor

REFERÊNCIAS

COSTA, Maria Suely. Literatura Afro-Brasileira e Negritude. Uma experiência de leitura. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Isabel. OLIVEIRA, Andrey (orgs). GRIOTS- culturas africanas: linguagem, memória, imaginário. 1 ed. NATAL: LUCGRAF, 2009.

LUCIANO, Hélio José. O Negro na Literatura Brasileira: de objeto a Sujeito. (impresso).

NETO, Pedro Fernandes de Oliveira. Do Negro e das Africanidade em José Saramago, o silêncio de uma proposta de inquietação. . In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Isabel. OLIVEIRA, Andrey (orgs).

GRIOTS- culturas africanas: linguagem, memória, imaginário. 1 ed. NATAL: LUCGRAF, 2009.